

A RÉGUA DA EFICIÊNCIA NÃO MEDE A DOR DA MINHA D-EFICIÊNCIA

Tânia Villarroel

Doutoranda no PPGAC da ECA-USP, no departamento de Artes Cênicas na linha de pesquisa “Formação do artista teatral, orientada pela profa. Alice Kiyomi Yagyu. Endereços eletrônicos à disposição: taniadoutorado2022@gmail.com e tania.villarroel@usp.br





RESUMO

Este trabalho é uma captura de parte da experiência sensível do projeto de extensão intitulado: “Projeto Teatro e Educação Inclusiva: uma proposta pedagógica no Centro de Ensino Especial Dom Bosco e no Centro de apoio pedagógico para Atendimento às Pessoas com Deficiência Visual”, coordenado pelo prof. Dr. Carlos Alberto Ferreira, online pela UFAC¹ que, em 2019 recebeu diversos/as palestrantes² problematizadores do tema da inclusão com seus trabalhos artísticos, tornaram inteligível alguns dos meus parâmetros neste assunto. Lugar de fala de quem escreve: é filha de mãe d-eficiente³ e de pessoa que podia ter tido uma paralisia cerebral no próprio parto. São relatos reflexivos com toques ensaístas sobre o que deveria ser garantido no acesso para que o olhar cidadão valorizasse habilidades de todos nós.

Palavras-chaves: Inclusão; Narrativas; Experiências artístico-pedagógicas.

1 Universidade Federal do Acre.

2 Entre os que me tocaram com o conteúdo de suas poéticas estão Ariadne Antico e Felipe Monteiro.

3 Referência ao termo que aqui me aproprio por conta do projeto da atriz Ariadne Antico, de mesmo nome, que amplia as possíveis percepções do termo.

A RÉGUA DA EFICIÊNCIA NÃO MEDE A DOR DA MINHA D-EFICIÊNCIA

Tânia Villarroel

BÍPEDES, UMA QUESTÃO DE REAFIRMAR O CAPACITISMO

Normalidade: uma perspectiva. Deformidade: um parâmetro. Mostruosidade: a reafirmação do medo a ser diferente. Assim interrompida pode parecer a escritivência⁴ de pessoas que relatam esse assunto sem serem o objeto diretamente afetado – os que convivem com as pessoas que sofrem pela falta de inclusão sentem-se como extensão do alvo dos preconceitos; elas também são feridas geradas indiretamente de ver quem se ama ser desvalorizado e, ainda assim, não poder diminuir essa dor. Porque o autoritarismo do que é tido cotidianamente como perfeito está em oposto pólo a tudo que é desvio: em lugar de uma possibilidade criativa e outra de valorizar o diferente, torna-se deficiente para quem se incomoda com a diversidade e perturbador (Carmo, 2019) para quem dança e cria com ele à revelia do que já foi descoberto e sistematizado sem nenhuma novidade ou surpresa.

Deficiente, portanto, uma falta de acessibilidade que afirma uma suposta competência alheia que, por si, já não respeita a diferença de cada um quando manifesta seu corpo todo, com todos os seus pontos de vista vividos, que lhe ficam impressos na pele e na história da alma que é capaz de experienciar a singularidade.

Eficiente por dedução cotidiana e pouco do sensível; o que o outro acha que eu tenha que ser bom para alimentar um sistema econômico que valoriza objetos de *fetichê*, cargos com *status quo* e atitudes predatórias em lugar de pessoas – e, por consequência, suas histórias, pelas quais compartilhamos aprendizagens valiosas para nós como comunidade resultante de uma cultura.

Se Courtine (2011) reflete sobre o corpo anormal trazendo perspectivas da fetichização da monstruosidade na abordagem que também espetaculariza tudo que é *freak* quando convém, principalmente financeiramente, tudo que sai do comum e aponta para a importância de percebermos historicamente que “a extensão do domínio da norma se realizou através de um conjunto de dispositivos de exibição do seu contrário, de uma apresentação da sua imagem invertida”, para afirmar o corpo normal; Carmo (2020)⁵ já

4 Escritivência, conceito de Conceição Evaristo para trazer vida às narrativas de reflexão que nos acontece: o que experienciamos tem valor de conhecimento na universidade, ainda que não se considere a oralidade com o mesmo valor que a escrita ao que tange aos saberes.

5 Para saber mais ver em: VOCÊS bípedes me cansam! . | TEDxUnisinos, de Edu O. Carmo [S.l.]: [s.n.], 2020. 1 vídeo (10'24"). Publicado pelo canal TEDxTalks. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=18Y-qsYMBkMw&t=14s>>. Acesso em: 09 mar 2023.

aprofunda esse tema combatendo qualquer leitura sob a ótica capacitista, pois a bipedia como conceito combate que:

Se acredita que a pessoa com deficiência é improdutiva, ou menos capaz, menos bela, assexuada; se considera a deficiência como uma experiência única que se repete da mesma maneira para todas as pessoas e desconsidera a grande diversidade das deficiências e suas especificidades, você é bípede. Se a sua inclusão quiser nos colocar em cercadinhos específicos que mais excluem, sim; você é bípede. Se entende que o corpo sem deficiência é a única possibilidade de normalidade, ah sem dúvida nenhuma, você é bípede. (Carmo, 2020, 0'52"-1'34")

E, através dessa abordagem que questiona a inclusão como prática diária, ele nos convida a pensar que a régua aplicada a qualquer normose é relativa e que se assim considerássemos a diferença, quiçá o racismo, a violência contra a mulher e a homofobia, que são questões não menos importantes, mas intrínsecas, passaríamos a integrar na sociedade a possibilidade da diversidade, em todos os sentidos.

E o termo *d-eficiência* na boca e no nome do projeto da atriz Ariadne Antico, explicita o paradoxo e ganha outra dimensão para não naturalizarmos uma postura capacitista nesse contexto que mais constrange pessoas que desejam ser iguais no sentido cidadão e humano, do que serem celebradas para além da conta, deixando claro que a sociedade não a vê capaz de reivindicar e ir à luta por seus próprios desejos como toda e qualquer pessoa. Ao torná-la um exemplo de superação exagerado, deixa claro o quão diferente a sociedade a vê, mas não pelo viés do cuidado e do direito, mas com uma infantilização assexuada de reconhecimento artificial, explicitando que existe um ideal de perfeição – e ele é absolutamente fora do que esta pessoa pode alcançar, impossibilitando assim uma experiência de ensino-aprendizagem mútua, que modifique o universo dos afetos e da criatividade no ato de construir uma sociedade diversa.

Parece datado discutir sobre isso para algumas pessoas, no entanto quando entramos em contato com as abordagens literárias e com exemplos cotidianos de falta de respeito, ainda se sente reverberar os tons tanto de monstruosidade como de desmerecimento fantasioso presentes, por exemplo, nas ainda atuais versões das histórias de Saci-Pererê ou do Curupira⁶, personagens presentes nas lendas brasileiras de maneira retrógrada, demonizando sua personalidade por conta, principalmente, de suas deficiências físicas – que é o que abordo neste artigo. Da mesma maneira que, a Síndrome de Pós-Poliomelite⁷

6 Tal como problematizou Lígia Amaral em seus estudos. Personalidade importante para o contexto da inclusão, com alguns relatos de pessoas conviventes de sua importância. Para saber mais ver em: PSICOLOGIA e a Luta de Pessoas com Deficiência: de Lígia Assumpção Amaral aos debates contemporâneos. [S.l.]: [s.n.], 2022. 1 vídeo (60 min). Publicado pelo canal Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0QEMNZYjPiE>>. Acesso em: 09 mar 2023.

7 A síndrome de Pós-Poliomelite é um conjunto de dificuldades que acomete o corpo depois de anos afetado pela paralisia infantil, incluindo consequências que decorrem do fato de que essa doença diminui a capacidade de funcionamento das fibras musculares, causando sintomas como dores crônicas e insuficiência respiratória, entre outros.

não é mais uma questão de importância científica, pois depois da vacina não há mais infectados porque a paralisia infantil foi erradicada, o nosso pensamento social para na formalização do direito à inclusão pelas leis, pouco se tomou como medida para repensarmos nossas posturas em relação ao corpo (a)normal. Nosso olhar, como sociedade, ainda reforça o alívio que sentimos por não sermos disformes ignorando e invisibilizando a possibilidade real de acolhimento de pessoas que lutam pela inclusão em qualquer contexto. Esse mesmo olhar faz as pessoas enxergarem a rampa de acesso, mas não alguém usando essa mesma rampa no cotidiano; se vangloriam como se inclusão fosse o feito e não a participação dentro dos processos de viabilização das possíveis dificuldades diversas. Menosprezamos a luta diária, naturalizando uma falsa aceitação que não existe de fato, no processo de se encarar a vida em todas as suas variações.

Da mesma maneira que existe uma régua do colorismo para o racismo, existe uma régua do capacitismo que assombra qualquer ato criativo que o corpo (a)normal faz sob vias de punição pelo olhar institucionalizado. Não temos marchas ou carreatas em nome da inclusão e, no entanto, a porcentagem de pessoas com deficiência pelo IBGE⁸ é cerca de 24%, o que se aproxima do valor de mulheres que sofreram violência doméstica – que significa 27% da população feminina entre 15 e 29 anos pela OMS⁹. Considero referencial para perceber o nível de dificuldade desse público em sair de casa e de como a hipocrisia social latente esconde o problema, dando a impressão de que é menos gente.

Que régua é essa que nem considera essa faixa significativa, em números inclusive, de seres humanos? Me pergunto se considerássemos essa medida da régua tão invisibilizada, precisaríamos discutir as outras, isto é, se a inclusão não precisasse mais ser discutida, imagino que os outros grupos que reivindicam respeito e igualdade, automaticamente colheriam os frutos positivos da mudança de atitudes. A quem ainda interessa que justo essa camada da população desapareça e por quê?

QUAL DIFERENÇA ME INFERIORIZA?¹⁰

Procurando bem todo mundo tem pereba, marca de bexiga ou vacina. E tem piriri, tem lombriga, tem ameba. Só a bailarina que não tem. [...] Todo mundo tem um irmão meio zarolho. Só a bailarina que não tem. ¹¹ (Chico Buarque)

8 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

9 Organização Mundial da Saúde.

10 A frase completa é: “Temos o direito de ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades” (SANTOS, 2006, p.462.) – que foi desmembrada para pensar as partes do presente trabalho.

11 É uma citação, mas também um convite a uma trilha sonora para este texto. Nesta versão, a intérprete Adriana Calcanhoto canta a “Ciranda da bailarina”. Para saber mais ver em: A ciranda da bailarina, de Edu Lobo/ Chico Buarque, 25 mai 2011, 1 vídeo (2’52”). Publicado pelo canal LeCommedieDellArte. Disponível em: <<https://youtu.be/9QrNESnmsZQ>>. Acesso em: 09 mar 2023.

Quando nasci, faltou oxigênio no meu cérebro por alguns segundos, mas, em princípio não foi detectada nenhuma sequela. Isso virou piada familiar, pois, até encontrar o teatro, distraída e estabana, sempre tinha sido. Podia ter tido uma paralisia cerebral que teria deixado marcas profundas na minha cognição e/ou locomoção.

Certa vez, numa atividade da escola, eu tinha pintado um elefante listrado e vivia colorindo sóis roxos em meus desenhos ocasionais – esse tipo de coisa, já diz sobre o que a pessoa irá se tornar na vida adulta em tenra infância – vai ser artista! Mas, naquela época, era muito raro que um adulto soubesse. Minha mãe me levou ao médico quando criança, pois percebia que eu demorava a falar comparada à minha irmã, porém eu, diferente dela, sem minha mãe dar-se conta, precisava aprender dois e não um só idioma. Filha de pais chilenos nativos, ouvia na escola português e em casa espanhol, o que alongava um pouco o processo: “Se a senhora, que é a mãe, a maior referência, fala com ela em espanhol e o resto do mundo, em português, espere mais um pouco, porque quando ela for falar é porque compreende os dois. Por enquanto ainda não sabe o que é certo falar e onde”, foi o que o pediatra da época explicou a ela, e assim foi. Sempre pude corresponder no meu tempo as coisas da vida, mas sempre fui a irmã meio “zarella”¹² da minha família. Com o tempo descobri que era porque gostava de arte, e o que os outros chamavam de distração, era a criatividade transbordando por meio de tantas regras sem sentido para mim. Não tinha a ver com a minha relação com o conhecimento – sempre apreciei estudar – mas quando conheci o teatro na escola, daí é que realmente parou de fazer qualquer sentido para mim aprender em meio a tantos condicionamentos e normoses. Passei a não acertar mais nenhuma questão de interpretação de texto: a arte me trazia verdades diversas e conviventes dentro de um só imaginário. E, muitos anos depois, meu filho descobriu que sim, eu tinha uma sequela muito escondida e mínima¹³: localizar-se nos espaços, o que com certeza explicava as boladas na cara nas aulas de Educação Física e meu nenhum entendimento no que se refere a mapas de rua; mas também, por outro lado, o quanto tudo o que se referia a corpo em deslocamento me encantava e passou a ser o lugar de liberdade que conquistei quando entrei em contato com Butoh e com a Dança Improvisação através de coreologias, nos cursos que fiz no transcorrer de minha formação.

QUAL IGUALDADE NOS DESCARACTERIZA?

Público: Tenho uma mãe deficiente e convivi toda uma vida com situações constrangedoras e me sinto muito diretamente injustiçada quando vejo alguém ter uma atitude ignorante. No entanto, como eu não sou deficiente, não me sinto no direito

12 Opto por esta palavra, no intuito de fazer alusão a música *Ciranda da Bailarina* de Chico Buarque e Edu Lobo.

13 Não foi um diagnóstico, mas a troca de informações sobre leituras feitas a respeito do que pode ocorrer com pessoas que tiveram hipóxia no momento de nascimento, ou seja, falta de oxigênio. Meu filho me contou que afeta bastante o hipocampo, que está relacionado com a parte espacial, pois o hipocampo ainda está em formação quando o bebê nasce – e eu, tendo nascido de 8 meses, ainda mais.

de falar algumas coisas. Fica parecendo que a gente é justiceira do que não sabe realmente como é. Fico sempre confusa com o meu lugar de fala: o que você teria para me dizer como conselho?”

Palestrante: Eu diria que o seu lugar de fala é legítimo. É de filha, de alguém que testemunhou as injustiças. E é disso que você vai falar.¹⁴

Lembro-me exatamente, como se fosse ontem. Da vez em que minha mãe, pessoa com sequelas de poliomielite, com parte do deslocamento comprometido, mas sem necessidade de cadeira de rodas, por incontável vez, encontrou a vaga de carro na frente da agência do banco ocupada – porém, desta vez, quem tinha lesado seu direito tinha sido o carro exatamente da frente que seguia o mesmo trânsito que nós. Então, ela foi obrigada a estacionar o carro, num lugar distante. Parou o carro e escreveu um bilhete que dizia: “Deficiente. Mental???” , que colocou no para-brisa do carro. Vimos a pessoa sair da agência do banco, sem nenhuma limitação para caminhar, ler o bilhete com desdém, aborrecer-se e sair. A partir daquele dia, que eu tinha 10 anos completos de idade, me coloquei a pensar seriamente sobre o que faz uma pessoa pensar que a dificuldade que ela passa num só dia, a autoriza a tirar o lugar da conquista política de alguém, conseguida com luta de anos. Hoje, depois de 35 anos presenciada esta cena, me ocorre que essa pessoa, é a mesma que acredita que as leis de inclusão é um discurso genérico que coloca todas as pessoas que ela não se importa e que ela nunca será, no mesmo pacote. Uma pessoa justa não deveria ter a mesma medida de justiça para dar o lugar tanto para um idoso, uma pessoa com deficiência, uma pessoa machucada ou uma grávida num transporte público? Pergunto-me em que momento a pessoa se coloca no lugar do outro, no que se refere a níveis de dificuldade e nem no próprio lugar se pensarmos que, algum dia, muito provavelmente, todos/as nós ficaremos velhos/as também e nosso corpo não corresponderá com a mesma vitalidade aos desafios do cotidiano.

São as dificuldades vividas e o conhecimento que se tem sobre determinado assunto que nos dão o lugar de fala. Tal como bem explicita a personagem Rita Von Hunty¹⁵, feita pelo ator Guilherme Terreri, que pontua sobre isso: “a primeira coisa do lugar de fala é entender que ele é um dado de análise do discurso, ele não é um dado de proibição do discurso”. Pensar de que lugar vem a fala de quem diz o que está na pauta de reflexão e diferenciar isso de protagonismo e vivência aliando ao estudo, ter autoridade no assunto, não está relacionado ao fato de ter somente passado pela experiência, mas também deter um método de análise de um tema que pode ou não coincidir com a sua personalidade, pois “um médico psicanalista que vai falar sobre depressão, ele precisa ser deprimido? [...] Um médico oncologista que vai falar sobre o câncer, ele precisa ter câncer? [...] E,

14 Diálogo ocorrido entre Ariadne e eu no evento do dia 23/07/2019 reproduzido parcialmente, para fins de reflexão.

15 Argumentos disponíveis na íntegra em: A POLÊMICA do “Lugar de Fala” - Rita Von Hunty | Embrulha Sem Roteiro. [S.l.]: [s.n.], 2022. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal Cortes Embrulha Sem Roteiro. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=oT4f2os48X0> >. Acesso em: 09 mar 2023.

então, o lugar de fala não é fala de quem viveu”. Mas sim, de quem tem capacidade de analisar por um método de sabedoria, com alguma objetividade o acontecido, observado por um olhar epistêmico, onde o que aconteceu com você não está no primeiro plano, mas a reflexão sobre isso, pelo contexto desta fala é o que é o prioritário. Eu poderia falar como filha de pessoa com deficiência e que é diretamente afetada emocionalmente por este fato, mas optei por pensar todas essas situações não pelo vitimismo, mas defendendo critérios de justiça social, como artista, educadora, mãe solo, filha de estrangeiros por isso bilíngue, palhaça, pesquisadora em universidade pública num país chamado Brasil – e tudo mais que puder somar para o amadurecimento de um olhar que descola essa vivência da pessoalidade e que pode me fazer argumentar de forma crítica para ampliação de importâncias sociais do respeito às diferenças. E, principalmente, como cidadã, que pode sim pensar junto possíveis soluções para o que me incomoda e colocar tudo isso na roda para análise.

IGUALDADE RECONHECENDO AS DIFERENÇAS

Foi nesse acontecido do banco, como em inúmeras outras situações, que entrei em contato com esse humor ácido que, não tenho muita certeza se seria capaz de ter, se eu estivesse passando por uma situação similar. Sempre admirei isso na minha mãe: a capacidade de subverter situações em que ela estava em desvantagem numa sociedade que prioriza a norma e não está preparada para a prática diária do respeito a tudo que pode oferecer outro caminho de resolução, ou seja, onde o princípio de civilização não está pautado na imaginação e exclui em absoluto a criatividade como valor de sobrevivência – eu, ao contrário disso, como sua filha, presenciava em certa época, quase que diariamente, que era fundamental ter humor e criatividade. É a ausência da valorização da criatividade sobreposta pela eficiência, que faz de todas as minorias, nem tão pequenas assim, um problema que precisa ser eliminado. Este princípio de eficiência nada tem a ver com normalidade ou falta dela, mas com alcançar números de produção, metas e aumentar a competição já muito estimuladas pelo exagero da influência da meritocracia presente na filosofia e prática do capitalismo exacerbado – tornando tudo que é predatório o hábito naturalizado, em lugar do que pode ser durável e sustentável que sempre acaba sendo descartável. Isso ocorre desde o uso dos combustíveis, a falta de preservação das florestas até relacionamentos afetivos superficiais, como podemos atualmente presenciar. O corpo perfeito, o gênero perfeito, a sexualidade perfeita, para que alguns mantenham seus privilégios submetendo, para isso, a outros: mas perfeito como? Perfeito para quem, ao colocar regras para a manutenção de muitos referenciais que mantêm ideais inalcançáveis, mas que também definem mercados consumidores em lugar de princípios éticos?

Percebo que algumas pessoas pensam que essa é uma discussão pontual: o grupo de pessoas que preserva a questão da inclusão. Não tenho tanta certeza. Em 2015, quando estava matriculada numa disciplina no Instituto de Artes, como aluna especial

na UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), certo dia, quando entrei na sala e iniciamos a aula, a professora responsável pela disciplina fez o seguinte comentário: “Vão destruir a parte que tem os armários dos professores para fazer um banheiro de deficiente. Quem vai vir aqui que é deficiente assistir alguma coisa? E a gente vai ficar sem armário”. Na hora, me passou pela cabeça todas as vezes em que, na USP (Universidade de São Paulo), quando minha mãe esteve na universidade para me assistir, o quanto meus colegas gostavam que ela estivesse ali, porque ela sempre dava uma devolutiva inspiradora; e também o fato de que alguns dos espetáculos que mais haviam me mobilizado interiormente, como espectadora, tinham sido de temáticas afins: “Pequeno ballet das imperfeições” (2000), um trabalho inesquecível dirigido por Glaucia Felipe, com um grupo de atores com deficiência; além de “Em lugar algum” (2000), dirigido por Beth Lopes, baseado em casos do neurologista Oliver Sacks, que também deu origem ao filme “Tempo de despertar” (1990). Se uma professora universitária não entende a importância de certas conquistas políticas, é porque para além de revelar o nível de consciência dela sobre este assunto, revela também a falta de militância poética em prol de desconstruir formações autoritárias. E em extensão, completo: colonizadas de pensamentos eurocêntricos da beleza como padrão naturalizado pela violência, das quais a pessoa nem sequer se dá conta de todo o contexto, não porque não viveu, mas porque seu pensamento crítico de pesquisadora só alcança sua própria realidade e é pautado em seu próprio benefício imediato. Deslocada disso, pouco consegue produzir como conhecimento; tem pouco discernimento social de seu próprio papel de autoridade e do que, de um dia para o outro, poderia acontecer a qualquer um de nós: perdermos a condição atual de funcionamento de nosso corpo – seja por um acidente ou por manifestação de uma doença – o que não é uma condição ou questão de catástrofe, mas de nascimento para algumas pessoas, tanto quanto de desafio contínuo ao imposto modelo único de normalidade.

LO TUYO ES PURO TEATRO

Igual que num cenário, finges tua dor barata, teu drama não é necessário, já conheço esse teatro. Mentindo que bem te fica o papel, depois de tudo parece, que esta é tua forma de ser.¹⁶ (Curet)¹⁷

O que foi chocante para mim, é que era uma professora do Departamento de Artes Cênicas a porta voz de um ponto de alienação de seu papel, porque sempre entendi que o teatro era o lugar da diversidade, que o conteúdo que unia nossas diferentes práticas

16 Do original: “Igual que en un escenario, finges tu dolor barato, tu drama no es necesario, ya conozco ese teatro. Mintiendo que bien te queda el papel, después de todo parece, que esta es tu forma de ser”. Tradução nossa.

17 Esta é a autoria da letra, o nome do compositor musical, que sugiro como trilha do artigo, para ser ouvida junto à leitura do texto – não é uma referência bibliográfica. Para saber mais ver em: LA LUPE – Puro teatro - Reedición 2020- Stereo HQ 1080 p - 4K- 60 fps [S.L.]: [s.n.], 2020. 1 vídeo (2'56"). Publicado pelo canal Tecnconvergencia. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=p_uGJHO1gAA>. Acesso em: 09 mar 2023.

estéticas eram tentativas ideológicas diversas que existem entre os/as artistas e o respeito a tudo isso.

E, em contraste, o que eu presenciava na palestra¹⁸ de Ariadne e Felipe eram as lembranças que eu ia tendo de situações que vivi na maior parte dos cursos de palhaço que fiz no processo de construção de um corpo com o tônus que precisava ter para poder me dizer atriz nos anos 2000. Na escuta de como elaboram sua poética, percebi o grau de opressão que tornamos aceitável do que segundo culturas colonizadoras acham risível e a obrigatoriedade à qual nos submetemos em alcançar isso como um discurso, em certa medida, próprio – na tentativa de reproduzir o mesmo modelo do colonizador. O palhaço é, então, um depoimento pessoal e um ato de divertir o outro com a própria desgraça. Mas sob qual olhar? Perguntava-me lembrando das incoerências que, por vezes, me submeti. Nasrudin¹⁹, tal como Condorito²⁰, não são personagens engraçados para mim. Deveriam? Tudo que é frágil tem que ser risível? Por que Chaplin²¹ é mais conhecido do que Cantinflas²²? E o que dizer então de Mazzaroppi²³ com seu Jeca Tatu? Do que riam as pessoas que riam do palhaço Chocolate²⁴ – com filme de mesmo nome, que foi um dos poucos negros cômicos de seu tempo? É mais do que isso: o palhaço precisa ser engraçado ou ele próprio, com os limites do corpo, é um ato poético de acolhimento de suas próprias dores pelo olhar do público, que também se identifica com seus fracassos?²⁵ Igualmente sinto, o trabalho de Oleg Popov²⁶. Biritia ia me deslocando, por dentro de meus referenciais de eficiência e me perguntava o tempo todo porque eu ainda acreditava que eu precisava me submeter a ideais de palhaçaria eficiente se ela mesma incluiu tudo o que podia de seus próprios recursos como poética: desde os seus movimentos involuntários, seu desequilíbrio corporal como também sua fala disártrica à semelhança de uma pessoa alcoolizada.

Da mesma forma, me perguntava de que coragens nascem as ideias de performances que escolhemos fazer, que expõem tanto nossos corpos para a intervenção do outro. A disposição com que Felipe Monteiro se coloca em fragilidade, na exposição de seu corpo, admitindo suas limitações de movimento, deixa claro que o que o move é uma ne-

18 Desaprendizagem 3: acessibilidade cultural dos processos criativos na cena artística, performativa e cultural. Convidados: Felipe Monteiro – AL e Ariadne Antico – SP. Mediação Jefferson Fernandes – UFRN, 2022. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=w7B_LA2FnIw >. Acesso em: 09 mar. 2023.

19 É um personagem que retrata o humor turco que inverte a ordem linear e óbvia de se relacionar refletindo um ideal de sabedoria dentro dessa literatura.

20 Personagem de quadrinhos que reflete bem tipicamente o humor chileno.

21 Charles Chaplin, ator de cinema mudo que, entre muitos outros trabalhos, fez: “Tempos modernos”, “O garoto” e “O circo” – entre os trabalhos que são meus preferidos.

22 Ator humorista do cinema mexicano.

23 Ator humorista do cinema brasileiro.

24 Ator cubano de família africana. Primeiro nome, sobrenome diversos. Dupla do palhaço branco Footnit.

25 As falas de Ariadne me deslocaram para esse lugar.

26 Para saber mais ver em: O FOCO de luz, de Oleg Popov [S.l.]: [s.n.], 2021. 1 vídeo (2’59”). Publicado pelo canal Fala calado. Disponível em: <<https://youtu.be/M-axUfKw8bg>>. Acesso em: 09 mar 2023.

cessidade artística baseada numa arte relacional. Tu, lipa; eu, calipto²⁷. Felipe Destruvia-no²⁸, eu Hildegarda²⁹, nunca mais somente Da Vinci. Aqui quero destacar que a escuta dos acessos sensíveis do mundo se dão na relação que estabelecemos com elas, isto é, da mesma forma que o eu e o tu, que o poeta se expande quando o estímulo do significado se desdobra a partir da mesma referência; quando soube que havia uma versão vitruviana feminina anterior a de Leonardo da Vinci, meu mundo reflexivo se ampliou; passando a compreender através da arte e do mundo sensorial que a representação de apenas um tipo de corpo não me era suficiente nem como espectadora e como artista – e muito menos como pessoa; e isso inclui a coragem com que Felipe faz suas performances.

A arte é livre, nasce assim e se dissemina assim- esse é o seu conteúdo revolucionário – desdobrar-se sem se importar com a apreciação alheia, ela foge ao entendimento linear, é do universo das sensibilidades. Não foi feita para agradar ou desagradar, mas para mobilizar o imaginário na presença e na relação. Ao mesmo tempo, que o depoimento pessoal do corpo não é o único material da arte, mas está sim sempre presente como referencial a ser construído, aproveitado a nosso favor e/ou desconstruído, mas nunca ignorado.

O riso que me interessa aqui é aquele que é um componente dialógico do pensamento sério. É um elemento essencial de formação do pensamento sério. De um pensamento que, simultaneamente, crê e não crê, que, ao mesmo tempo se respeita e zomba de si mesmo. De um pensamento tenso, aberto, dinâmico, paradoxal, que não se fixa em nenhum conteúdo e que não pretende nenhuma culminância. De um pensamento móvel, leve, que sabe também que não deve se tomar, a si mesmo, demasiadamente a sério, sob pena de se solidificar e se deter, por coincidir excessivamente consigo mesmo. De um pensamento que sabe levar dignamente, no mais alto de si, como uma coroa, um chapéu de guizos.’ (LARROSA, 2010, p.170)

E foi assim, que uma citação tão conhecida minha em todos esses anos se revelou em outra fresta depois de todos esses entrecruzamentos autobiográficos e artístico-pedagógicos. Não sabia mais se tudo que estava como conhecimento disponível depois da palestra falava de mim como pessoa ou como performer, de d-eficiência, de palhaçaria ou de processos de criação que sobrepõem camadas que inventamos de nós para nos transformarmos em outras coisas num ritual performativo de rirmos de nós mesmos/as.

27 Referência ao poema ‘Tu e eu’, de Luis Fernando Veríssimo.

28 Performance em que Felipe se dispunha a se relacionar com o público com seu corpo em cima de um papel e com várias canetas coloridas disponibilizadas.

29 Artista que, muito antes de Leonardo Da Vinci criou a mulher vitruviana. Obra disponível no vídeo ‘Má-tinta’, performance de minha autoria, feito em julho de 2021 junto a Confraria da Dança como resultado de oficina, integrando o espetáculo “Fagulhas ao vento” disponível em: <https://youtu.be/cL1jBho60uw> (Minutagem: 40’40”-46’10”)

REFERÊNCIAS

A CIRANDA da bailarina, de Edu Lobo/ Chico Buarque [S.l.]: [s.n.], 2011, 1 vídeo (2'52"). Publicado pelo canal LeCommedieDellArte. Disponível em: <<https://youtu.be/9QrNESnmsZQ>>. Acesso em: 09 mar 2023.

A POLÊMICA do “Lugar de Fala” - Rita Von Hunty | Embrulha Sem Roteiro. [S.l.]: [s.n.], 2022. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal Cortes Embrulha Sem Roteiro. Disponível em: <<https://youtu.be/oT4f2os48X0>>. Acesso em: 09 mar 2023.

CARMO, Carlos E. Desnudando um corpo perturbador: a bipedia compulsória e o fetiche pela deficiência na dança”. *Tabuleiro de Letras*. v. 3, n. 2, p. 75-89, 2019.

COURTINE, Jean-Jacques. O corpo anormal: história e antropologia culturais da deformidade. *In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. História do Corpo. As mutações do olhar. O século XX. (Volume 3). Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.*

FAGULHAS ao vento – criação colaborativa da oficina/montagem de dança Confraria da Dança/2021 [S.l.]: [s.n.], 2022. 1 vídeo (47'20"). Artistas por ordem de aparecimento: Natália A. Silva de Carvalho, Rylary Karen, Milton Mariano, Analu Moraes, Fernando Delabio, Dora Mazzer, Bruno Torato, Laura Argento, Jessica Sato, Syl Saghira e Tânia Villarroel. Orientação pedagógica: Diane Ichimaru e Marcelo Rodrigues. Publicado pelo canal Confraria da Dança. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=cL1jBho60uw>>. Acesso em: 09 mar 2023.

FERREIRA DA SILVA, Carlos Alberto. Artes Cênicas e Acessibilidade Cultural. Desaprendizagem 3: acessibilidade cultural dos processos criativos na cena artística, performativa e cultural. Convidados: Felipe Monteiro – AL e Ariadne Antico – SP. Mediação Jefferson Fernandes – UFRN, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w7B_LA2FnIw>. Acesso em: 09 mar. 2023.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana:** danças, piruetas e mascaradas. Tradução Alfredo Veiga-Neto. Porto Alegre: Contrabando, 1998.

LA LUPE – Puro teatro - Reedición 2020- Stereo HQ 1080 p - 4K- 60 fps [S.l.]: [s.n.], 2022. 1 vídeo (2'56"). Publicado pelo canal Tecnoconvergencia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p_uGJHO1gAA>. Acesso em: 09 mar 2023.

O FOCO de luz, de Oleg Popov [S.l.]: [s.n.], 2021. 1 vídeo (2'59"). Publicado pelo canal Fala calado. Disponível em: <<https://youtu.be/M-axUfKw8bg>>. Acesso em: 09 mar 2023.

PSICOLOGIA e a Luta de Pessoas com Deficiência: de Lígia Assumpção Amaral aos debates contemporâneos. [S.l.]: [s.n.], 2022. 1 vídeo (60 min). Publicado pelo canal Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0QEMN-ZYjPiE>>. Acesso em: 09 mar 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A gramática do tempo. Para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

VOCÊS, bípedes, me cansam! | Edu O. | TEDxUnisinos. [S.l.]: [s.n.], 2020. 1 vídeo (10 min). Publicado pelo canal TEDx Talks. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=18Y-q5YMBkMw&t=14s>>. Acesso em: 09 mar 2023.



THE EFFICIENCY RULER DOESN'T MEASURE THE PAIN OF MY D-EFFICIENCY

ABSTRACT

This work is a capture of part of the sensitive experience of the extension project entitled: “Project Theater and Inclusive Education: a pedagogical proposal at the Dom Bosco Special Education Center and at the Pedagogical Support Center for Assistance to People with Visual Disabilities”, coordinated by the professor Dr. Carlos Alberto Ferreira, online at UFAC which, in 2019, received several speakers that problematize the inclusion theme with their artistic works, made some of my parameters in this matter intelligible. The writer’s place of speech: she is the daughter of a disabled mother and a person who could have had cerebral palsy during childbirth. They are reflective reports with essayistic style about what should be guaranteed in access so that the citizen look would value the skills of all of us.

Keywords: Inclusion; Narratives; Artistic-pedagogical experiences.

LA REGLA DE LA EFICIENCIA NO MIDE EL DOLOR DE MI D-EFICIENCIA

RESUMEN

Este trabajo es una captura de parte de la experiencia sensible del proyecto de extensión titulado: “Proyecto Teatro y Educación Inclusiva: una propuesta pedagógica en el Centro de Educación Especial Dom Bosco y en el Centro de Apoyo Pedagógico para la Atención a Personas con Discapacidad Visual”, coordinado por el profesor Dr. Carlos Alberto Ferreira, en línea en la UFAC que, en 2019, recibió varios disertantes, los cuales con sus obras artísticas hicieron inteligibles algunos de mis parámetros en este tema. Lugar de discurso de la escritora: es hija de madre discapacitada y persona que pudo haber tenido parálisis cerebral durante el parto. Son informes reflexivos con toques ensayísticos sobre lo que se debe garantizar en el acceso para que la mirada ciudadana valore las capacidades de todos nosotros.

Palabras clave: Inclusión; Narrativas; Experiencias artístico-pedagógicas.